

O MUNDO DO CAPITAL COMO SOCIABILIDADE DO EQUIVALENTE NOS
GRUNDRISSE DE KARL MARX ^[1]

Antônio José Lopes Alves*

Resumo

A análise do conjunto dos manuscritos marxianos de 1857-1858, conhecido como *Grundrisse*, voltada a recolher elementos esclarecedores da determinação da sociabilidade moderna resultou na identificação desta como determinada pela regência quase imperial do valor, do equivalente, que, como alma ou princípio objetivo próprio ao mundo capitalista, conforma toda a malha interativa e recíproca nas quais se constitui o ser social na modernidade. Neste mundo, ao contrário do observado na Antiguidade Clássica, por exemplo, os indivíduos não se encontram mais determinados pela comunidade, enquanto pressuposto e horizonte de seu viver, se produzir e sua atividade. No interior da sociabilidade do capital o que ige antes é a forma da produção do valor e do intercâmbio social da troca de mercadorias, com os indivíduos interagindo reciprocamente sob essa dupla determinação.

Palavras-chave: Sociabilidade – Individualidade – Valor – Equivalência

The World of the Capital as Sociability of the Equivalent

Abstract

The analysis of the set of the marxianos manuscripts of 1857-1858, known as *Grundrisse*, directed to collect enlightening elements of the determination of the modern sociability resulted in the identification of this as determined for the almost imperial regency of the value, of the equivalent, that, as soul or proper objective

principle to the capitalist world, conforms all the interactive and reciprocal mesh in which it constitutes the social being in modernity. In this world, in contrast of the observed one in the Classic Antiquity, for example, the individuals do not meet definitive for the community, while estimated and horizon of its life, if to produce and its activity. In the interior of the sociability of the capital what ige before is the form of the production of the value and the social interchange of the exchange of merchandises, with the individuals interacting reciprocamente under this double determination.

Key-words: Sociability – Individuality – Value – Equivalence

O trabalho que apresentamos teve origem em pesquisa desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Mestrado, da faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, linha de pesquisa Marxismo, a qual resultou na redação de dissertação com o título "A Individualidade nos *Grundrisse* de Karl Marx", recentemente levada à defesa. Esta comunicação se refere à primeira seção do terceiro capítulo da supramencionada dissertação, onde abordamos os aspectos essenciais que caracterizam e demarcam a moderna sociabilidade do capital na obra marxiana pesquisada.

Compreendida por Marx como forma societária instaurada pela dissolução dos liames societários que uniam em tempos passados os indivíduos à comunidade, a sociabilidade moderna, do capital, se caracteriza por um conjunto de nexos exteriores aos indivíduos, tomados, vividos e reproduzidos como instrumentos de realização de finalidades particulares postas pelos próprios indivíduos em sua independência mútua. Ao contrário do que se observa em formações sociais anteriores à moderna, onde os indivíduos se definiam pela sua pertença imediata, quase natural, ao conjunto social, como na comunidade primitiva, ou configurados como entes da comunidade, mediados pela polis, como na comunidade clássica, na modernidade, aqueles aparecem como entidades automediadas por sua atividade e por seu intercâmbios mercantil recíproco. Agora

os indivíduos são tomados como entes livres e iguais por natureza, os quais enfrentam suas relações com os demais sob o signo da exterioridade ou da instrumentalização. Os indivíduos aparecem reciprocamente como produtores e portadores do valor, como mediações da reprodução do equivalente, e nesta determinação como meios da realização egoísta de uns e outros.

Frente às demais formas de sociabilidade que vigiam antes do mundo do capital, esta surge como resultado de uma verdadeira reconfiguração ontológica, há um tempo, de indivíduos e sociabilidade. Os primeiros não se apresentam então como membros de uma totalidade dada, circunscrita e limitada, que os definiria *a priori*. A segunda não é mais propriamente comunidade, mas sociedade, conjunto articulado de relações interativas posto pelo intercâmbio múltiplo, sob a forma da troca, e de produção para este intercâmbio.

Tal reconfiguração do ser social dos homens, para Marx, não se deu como resultado ou fruto de uma deliberação dos indivíduos, mas é consequência de todo um itinerário que dissolveu as antigas modalidades de interação social, de um processo histórico colocado em marcha pelo desenvolvimento das forças produtivas, dos meios e formas de apropriação humana do mundo e de produção do ser dos próprios homens. Diversamente das formas comunitárias de sociabilidade (da comuna primitiva à feudal, passando por suas figuras oriental, clássica, germânica, etc.), a moderna vida societária se apresenta como a máxima realização, até o momento, das potencialidades. Na modernidade se ultrapassa, de certo modo, os limites impostos nas formações sociais anteriores aos modos de apropriação de mundo. Naqueles vigorava uma dupla unidade natural, dos indivíduos com sua comunidade e, por via desta primeira, com suas condições de produção. Na modernidade, o que temos, segundo Marx, é a dissolução desta dupla unidade, onde a interatividade social é convertida em essência exterior e contingente aos indivíduos, e as condições de produção, agora liberadas de seus nexos naturais com os indivíduos, são transmutadas em capital, em propriedade privada posta pelo trabalho alienado, livre e assalariado, e apropriada em nome de sua própria auto-reprodução: "O que nos interessa inicialmente, é processo que

transforma uma massa de indivíduos de uma nação, etc., em trabalhadores assalariados - *dymaneis*¹ -, isto é, indivíduos que somente sua falta de propriedade coage ao trabalho e à venda de trabalho não implica de outra parte que as fontes anteriores de rendimentos ou, em parte, as condições de propriedade hajam desaparecido mas, inversamente, que só sua utilização tenha mudado, que seu modo de existência tenha sido transformado, seja passando-o a outras mãos, Mas uma coisa é clara, este mesmo processo que separou uma quantidade de indivíduos de suas relações anteriores - de uma maneira ou de outra - afirmativas por relações objetivas de trabalho, o qual negou estas relações e transformou assim tais indivíduos em trabalhadores livres, este mesmo processo, liberou - *dymaneis* -, tais condições objetivas do trabalho - terreno, materiais brutos, meios de subsistência, instrumentos de trabalho, dinheiro, ou tudo isto de uma vez - do liame que os unia anteriormente aos indivíduos doravante destacados deles" (Marx, M1857-58, I: 440-441).

Ou seja, a mutação ontológica da sociabilidade, que mais à frente determinaremos em seus elementos distintivos e essenciais, não é o resultado de uma alteração cultural ou política, entendidas como formas autônomas ou estruturadas, mas da transformação da forma de ser da atividade dos indivíduos, das determinações do modo de sua interatividade. Assim, evidencia-se ao nosso ver que, para Marx, existe uma determinação das formas de individuação e de sociabilidade pelos modos de ser da produção social dos indivíduos. O que muda é exatamente o modo particular da existência do ser social, a forma histórica de interatividade entre os indivíduos. Onde os meios e os resultados da autoprodução dos indivíduos sociais são convertidos em capital, a própria atividade em produção e reprodução do valor, de mercadorias, e os indivíduos mesmos em *personae* do valor, interagindo uns com os outros no quadro delimitado por estas determinações.

¹ *Dymaneis*: palavra grega que significa potencial.

A sociabilidade dos capital, resultante da dissolução da dúplici unidade acima aludida, é aprendida por Marx como um tipo de intercâmbio social, regido, então, pela necessidade imperiosa da produção de valores e pela troca de valores. Não se trata mais da interatividade limitada pela produção destinada à subsistência da comunidade, mas antes de tudo, sociabilidade regida pela atividade voltada à produção de riqueza. O momento predominante passa a ser o intercâmbio e não propriamente o uso da produção, não que se apague pura e simplesmente o valor desempenha o papel de retor da vida social e da objetivação recíproca dos indivíduos. Toda produção e da vida sociais se encontram formatadas pela forma do valor. Os indivíduos se acham desta maneira determinados, acima de tudo, como sujeitos da troca.

Nesta determinidade fornecida e reproduzida pelo intercâmbio de valores, os indivíduos se afiguram uns aos outros, por princípio como menos produtores, portadores, detentores, de valor e desta forma existem reciprocamente. É importante frisar que a instauração da sociabilidade propriamente moderna não significa a ausência de liames essenciais senão na aparência, pois a interdependência constitutiva do ser social dos indivíduos assume uma nova, e altamente contraditória, forma de existência. A interdependência dos indivíduos significa aqui, efetivamente, dependência dos indivíduos como produtores e cambistas de valor de troca, não mais enquanto criadores de meios de subsistência comunal. Os produtores, as objetivações mútuas dos indivíduos são imediatamente mercadoria, dinheiro, e existem, primariamente, nesta determinação: "a pressuposição do valor de troca, fundamento objetivo de conjunto do sistema de produção, implica para o indivíduo esta coação, que seu produto não seja produto para ele, mas torna-se tal somente no processo social, e que ele necessita tomá-lo sob esta forma universal e ao mesmo tempo exterior, que o indivíduo exista somente como produtor de valor de troca, que implica a negação total de sua existência natural" (Marx, M1857-58, I:187-188). Esta interdependência social inaudita, em sua forma e conteúdo, se afirma e se reproduz continuamente pelos atos interativos dos indivíduos não como conexão e

interdependência simples dos indivíduos entre si, mas do valor, do equivalente, através da interatividade daqueles.

A determinação da sociabilidade como interatividade e intercâmbio de equivalentes, a subsunção da malha societária aos ditames universais da produção para troca, coloca não apenas os produtos da atividade, mas seus próprios produtores e detentores como *personae* do equivalente, e como tais entes que assumem, em sua produção e existência recíprocas, a abstração característica da equivalência do valor como sua determinação mais essencial e universal. Deste modo, da mesma maneira em que os produtos, criados como mercadorias se convertem na figura abstrata do equivalente, seus produtores e mediadores, os indivíduos sociais têm apagadas, no decurso do intercâmbio societário, suas diferenças e sua diversidade. Na sociabilidade do valor, os indivíduos se encontram, assim como suas mercadorias, no interior de uma equação, na qual pressupõem e pretendem uma equiparação. Neste sentido, "Não existe absolutamente nenhuma diferença entre eles, contanto que se tome a determinação formal, e esta ausência de diferença é sua determinação econômica, a determinação na qual se acham uns aos outros em uma relação de comércio; é o indicador de sua função social ou da ligação social que há entre eles. Cada um dos sujeitos é um cambista, isto é cada um tem a mesma ligação com os demais. Enquanto sujeitos da troca sua ligação é, por conseguinte, aquela da igualdade. É impossível discernir entre eles qualquer diferença, ou oposição que seja, nem mesmo a mínima diversidade" (Marx, M1857-58, I: 181).

O quantum de contradição que esta forma societária apresenta é *de per se* evidente, uma vez que mesmo a troca de mercadorias requer como fundamento a diversidade social da produção e da necessidade. Assim, o que temos é a constituição de uma formação societária contraditória, na qual se articulam, ao mesmo, por um lado, a máxima diversidade de liames, de potência produtiva e de nexos de intercâmbios social, e, de outro lado, a equiparação total dos indivíduos como *personae* do valor, a sociabilidade fundada na afirmação da essencial exterioridade recíproca dos indivíduos entre si e na sua, conseqüência, indiferença

mútua. Esta rede contraditória de determinações encontra por isso, na forma do dinheiro sua expressão adequada, pois "Cada um se apresenta ao outro como possuidor de dinheiro, como o dinheiro mesmo, contanto que se considere o processo da troca. Isto porque a indiferença e a equivalência estão na forma da coisa. A diversidade natural particular que comportava a mercadoria se apagou, e é continuamente apagada pela circulação" (Marx, M1857-58, I: 186). Por isso, o dinheiro é, para Marx, o problema da modernidade por excelência. Ele não existe mais como elemento à margem da vida social, mas é o próprio meio essencial desta mesma vida social. É o elemento que une, ordena e vivifica todas as manifestações da vida e da produção dos indivíduos. Por este motivo, Marx afirmará que, na modernidade, diferentemente do que era na Antigüidade clássica, por exemplo, "O dinheiro é também imediatamente por sua vez o ser real da comunidade" (Marx, M1857-58, I: 164). A sociabilidade moderna se encontra então definida pela relação de equivalência pressuposta e reproduzida nas múltiplas relações contraídas pelos indivíduos. No interior destas relações estes mesmos indivíduos se determinam como absolutamente iguais ou tendentes à equiparação absoluta. Os indivíduos passam a possuir como sua alma social o fato de entrarem em intercâmbio recíproco a partir desta igualdade pressuposta e requerida, a qual resulta na virtual anulação, ou na perda de vigência social, das diferenças entre os próprios indivíduos.

Referência bibliográfica:

Marx, K. (1980) *Manuscripts de 1857-1858 ("Grundrisse")*, 2 dois volumes, Paris, Editions Sociales.

^[1] Texto originalmente apresentado na sessão de comunicação do CEMARX realizado em 1999 pelo IFCH – UNICAMP.

* Doutorando em Filosofia pela UNICAMP. Professor de Filosofia do Colégio Técnico – UFMG Grupo de Pesquisa: Marxologia e Estudos Confluentes – UFMG.

